

AMIGOS ITALIANOS DE UM BOM TEMPO;

(cont.)

- fls.-2 -

ram os portugueses, com a sua esplendida e benemerita Beneficencia Portuguesa - promoviam suas festas agita_{das} e cheias de clamor. Realizaram-se, ordinariamente, no XX de setembro e os seus salões se enchiam de uma multidão gesticulante e cheia de efusões, em que os brasileiros entravam e se expandiam, tão barulhentos como os donos da casa.

Funcionava na casa uma escola e, na antiga frontaria eram postos em destaque dois bustos, o Alighieri e o Buonarrotti, Dante e Michelangelo, Roque de Marco foi presidente da casa durante anos seguidos e acabou sendo presidente honorario, passando a direção ativa a Vicente Delucca que se revezava naquelas funções com outros homens esforçados da colonia que eram, ao mesmo tempo, homens cheios de serviços à cidade - Rafael Pisani, Miguel Cristofani, Irineu Checchia, Angelo de Tullio, Victor Zaccara, Jacob Berti e outros muitos.

Na epidemia de febre amarela, de 1889, que vitimou numerosos italianos da cidade e das fazendas, parece, mesmo, que causando maiores devastações entre os peninsulares chegados de pouco e ainda não aclimados no país, o Circolo converteu-se, numa improvisação magnifica, de centro de palestras e diversão, em hospital, com enfermeiras para seus patricios. À testa dos serviços os diretores colocaram um ilustre e abnegado medico bra-

sileiro, o dr. João Guilherme da Costa Aguiar que se desvelou naquela assistencia ao extremo de suas forças, e acabou apanhando a febre, indo morrer em Itú sua terra natal.

Se é verdade que deixou desolada a familia, não deixou menos desolados os italianos que residiam em Campinas e haviam sentido, em suas horas de angustia, o que era e o que valia a assistencia e os desvelos daquele grande clinico.

Extinta a epidemia, voltou o "Circolo" às suas atividades normais, escola e centro de reuniões familiares e cultura social.

Já no municipio se haviam instalado medicos italianos e desse numero foi o dr. Clemente de Toffoli.

É um nome caro a muitos corações e familias brasileiras e posso dele falar com seguro conhecimento, porque entrei, durante muito tempo, na intimidade da sua roda, a "roda italiana" e dessa aproximação guardo ainda impressões das mais fagueiras.

Toffoli era de uma familia de boa linhagem de provincia veneziana. Gloriava-se, mesmo, de ser o antigo Pontifice Pio X, Patriarca de Veneza, conterraneo de seu pai. Os Toffoli, Clemente e José, vieram para o

Brasil e aqui trabalharam e prosperaram, Clemente, na medicina, em Campinas, José, na engenharia, em Ribeirão Preto e no interior.

Na Medicina, Clemente de Toffoli era de uma capacidade fenomenal de trabalho. Levantava-se muito cedo e, na propria casa, em que tinha consultorio, começava a atender à ciencia. A massa de colonos italianos que vinha à cidade era, em maioria, cliente do patricio. As pequenas operações, fazia-se no proprio consultorio, as de maior gravidade, mandava-as para alguns dos hospitais da cidade.

Em cirurgia era destro e, mais do que destre, elegante. Um de seus amigos asseverava, em conversa na sua roda que o dr. Toffoli, em suas intervenções, fazia tanto empenho em cortar com elegancia de gestos e belo aspecto das incisões, como em alcançar exito em suas intervenções.

Sua clinica era estafante, e só uma natureza moça e solida poderia dar conta daqueles trabalhos, que lhe ocupavam a manhã, na casa, deslocavam-se durante o dia para as visitas na cidade, nos bairros ou nas fazendas e voltavam a fazer-se na casa, à tardinha e à noite. Tudo aquilo, entretanto, parecia não afetar-lhe a fortaleza fisica; era homem de belo fisico, alto, claro, esbelto; de trato acolhedor e simpático, e nas rodas dos amigos

atestava, a cada passo, a excelencia de uma fina educação e habitos sociais requintados. A isso acrescentava a familiaridade com a literatura italiana, que conhecia a fundo, a francesa, de que era tambem autorizado critido e a musica, que constituia para ele um refugio repousante em horas de folga.

□□□□□□

Frequentei a chamada "roda italiana", logo após minha formatura. Fazia-se ela na Farmacia da rua 13 de Maio, que tinha sempre à testa Angelo Serafini, um italiano com o fisico tipico dos lombardos, embora fosse autentico toscano. Seu socio Giorgio Vellutini residia na Italia e raramente por aqui aparecia. À tarde, antes do jantar, iam chegando os frequentadores que, alguns deles já tinham ali cadeiras reservadas: o engenheiro Cesar Caversazzi, Paulo Lobo, Toffoli, os drs. Mario Gatti e João Ricci, Carlo Bucchianeri, o vice-consul Moscardi e alguns outros inesperados filantes de prosa.

Os dialogos eram tecidos em torno de assuntos os mais variados. Para nós, brasileiros, aquelas reuniões alegres e cordiais constituiam uma hora ferida nos nossos assuntos de rotina; raramente se fazia qualquer comentario politico ou da vida da cidade. Os assuntos eram focalizados em campos distantes e o elenco dos conversado

res, pela sua cultura, emprestava interesse a qualquer debate.

Ao lado de Serafini, que era um tipo adorável de "causeur", que pontilhava de ironia, e não raro de um sarcasmo sorridente, suas expansões mais vivas, entrava às vezes na conversa o outro "farmacista", Vincenzo Menotti Bruni, que todos tratavam de "Don Vincenzo", homem dos Abruzzos, moreno, forte, de espessas barbas pretas e tremendamente versado em latim. Sabia o Horácio de cór, citava trechos destacados de eglogas de Virgílio e invectivas de Cícero. Num concurso de latim efetuado no Ginásio, hoje "Colégio Culto à Ciência", D. Vincenzo largou a farmácia para assistir à leitura de provas escritas e às arguições entre os candidatos - e divertiu-nos, durante mais de uma semana, a narrar as descidas dos candidatos e os cochilos da própria banca que presidia aos trabalhos, que engulira "silabadas" berrantes e erros de sintaxe, sem darem por isso.

Angelo Serafini, que o trazia sempre às voltas, chasqueando daquelas preferências veementes por línguas mortas, latim e grego, narrava, com seu sorriso satânico de pisano, que o barbudo conservava em álcool, no fundo da farmácia, num vidro, como coisa preciosa, uma língua de papagaio - "ma un pappagallo romano contemporaneo di Cicerone..."

Eu entrava naquelas escaramuças dialeticas com o pouco que sabia e supria as deficiencias dando in vestidas jocosas sobre o "Barbone" que era, aliás, meu grande amigo.

O grupo, à hora do almoço, subia a rua 13 de Maio e ia fazer suas refeições no Hotel Vitoria, de Guido della Latta, cognominado o "Viareggio". Era um outro toscano, sempre de cachimbo à boca, gritador e blasfêmo, com o caracteristico falar da sua provincia, com ares inhospitos, porque era rude nos gestos, mas atraentisimo, depois das primeiras palavras. É claro que aquela clientela, com a nata da colonia, merecia dele tratamento especial, menu especial, pratos nativos que o Viareggio e a mulher preparavam e condimentavam com abundancia de molhos e de complementos nutritivos. O vinho corria, não só o da casa, tirado de um quinto à hora do brodio, como trazido, algumas vezes, entre especialidades, pelos componentes daquele grupo egregio.

Em todas essas reuniões, embora imperasse alegria e fraternidade entre os convivas, Toffoli se colocava, por força propria e pela maior consideração dos presentes, sempre num plano de maior recato. Era homem de linha impecavel e na mesa, em que alguns dos seus patricios se desmandavam em gestos inconvenientes, o seu olhar corrigia esses excessos.

O restaurante de Guido della Latta, quando

Bela cidade apareciam companhias liricas ou de opereta, convertia-se, como aliás tambem a Farmacia, numa sucursal dos camarins e do palco-cenico. Foi ali que muitos da nossa roda e de rodas estranhas, fizeram amizade com Giso Piracini, Dário Acconci e Luigi della Guardia, sem contar as "donnas", primas e secundas.

Acabado o almoço, saiam todos para seus destinos habituais - e Toffoli voltava ao consultorio. Se tinha um caso mais complicado na clinica, concentrava-se, emudecia, sofria com as incertezas do tratamento. É notavel essa solidariedade afetiva que amarra um medico à situação de um doente: certas vezes um cliente obscuro, mal pagante, absorve o clinico e lhe tira o sono e o apetite pelas complicações inesperadas da sua molestia. Tantas vezes era um pobre diabo, italiano ou brasileiro, que concentrava aquelas preocupações do elegante medico. Toffoli, nessa extenuante atividade, nesse esforço continuo, do qual só escapava de anos em anos para ir à Europa e visitar os recantos da Venezia Giulia, fez fortuna. Foi fortuna feita aos poucos, custosamente, amalhada. Depois, já folgado, logo depois rico, não alterou aqueles habitos de vida. Mas a roda se desfez, Angelo Serafini teve um derrame cerebral num dia, na sala de visitas da residencia de Paulo Lobo, e dali foi para o cemiterio; o Barbone regressou à Italia e lá morreu; o dr. Caversazzi já

tinha falecido. Uns mudaram-se, outros procuraram novas rodas.

Mas o dr. Toffoli continuo a mesma intensa atividade, percorrendo a cidade de ponta a ponta, no seu automovel aberto, que era sempre Fiat ou Itala, porque só usava carro italiano.

Afinal, tambem ele sofreu um insulto e ficou com o braço direito meio atado. Não pôde mais operar, e disfarçava aquela insuficiencia de movimentos, que o martirisava, não tanto pela redução da capacidade a que o forçava, como pelo que lhe trazia de desconforto à liberdade, desenvoltura e segurança dos movimentos, atingindo a linha de nativa elegancia que nele apontava um "gentleman", no andar, no vestir, no tratar os doentes.

O Circolo Italiani Uniti converteu-se em hospital, e é dos melhores, pelo trabalho de Toffoli, de Mario Gatti e de outros companheiros que os secundaram, quando já eu não residia mais em Campinas. A casa que abrigava gente festeira e efusiva, em datas de jubilo nacional, hoje abriga doentes, sara suas crises aflitivas, dá conforto a italianos ou a brasileiros, indistintamente e abre suas enfermarias, assim como os lençóis de suas camas, aos estropiados de todos os rincões do nosso interior. A figura do dr. Clemente de Toffoli ali continua invisivel no traço fisico, mas bem visivel na memoria de seus trabalhos.

AMIGOS ITALIANOS DE UM BOM TEMPO

(cont.)

- fls. 10 -

A resolução da Municipalidade, de dar o nome do medico à praça fronteira ao hospital de que ele foi um dos fundadores, foi justo tributo prestado a um homem que tão esforçadamente se votou aos seus doentes e ao exercicio de uma clinica em mais de trinta anos de vida passada no Brasil. É um novo élo, bem forte, que entrelaça o nome italiano daquele vêneto de sangue nobre, ao carinho de nós brasileiros que tivemos a fortuna de conhece-lo, privar com ele e, por isso, estima-lo por seu talento, seu afã de trabalhador, seus desvelos na assistencia a tantos doentes, sua afabilidade no trato de tantos amigos.

Comun. Paulistans - 16-IV - 1950